

CHAVES MÁGICAS

Um ensaio poético

Concha Rousia

“Educar a mente sem educar o coração não é educação”. Ecoando em vão desde há mais de 2000 anos nos nossos pouco atentos ouvidos, as palavras de Aristóteles. Os seres humanos a diferença dos outros animais, levamos um pensante incorporado. O nosso super desenvolvido córtex cerebral permite razoar, poderar e avaliar toda a situação.

Ora bem, que tenhamos esse fantástico equipamento cerebral não significa que tenhamos menos no nosso cérebro meio, no nosso sistema límbico, nem que portanto, nós, animais racionais, devamos ignorar essa parte do nosso cérebro, e cultivar apenas os extensos territórios do córtex. Como temos também um cérebro reptiliano, mas esse vai encriptado na base do cérebro não permitindo aceso verdadeiramente a ele com a nossa consciência. Ele, permanentemente escaneando o mundo à nossa volta, actua para salvar a vida ante todo perigo descoberto, ou perigo percebido, embora não seja real.

A dia de hoje nas nossas sociedades continuamos a produzir imenso número de analfabetos emocionais, por priorizar, quase em exclusiva, a educação intelectual da mente e deixar sem atenção o vasto território das emoções, permitindo crescer qualquer coisa que decida nascer nesse pouco acessível território, como é a nossa mente emocional. A pessoa se passa depois a vida tentando conviver com aquele mato do que não gosta ou mesmo desgosta, ou teme até.

É por isso que as pessoas necessitam da arte, porque a vida, como afirma o poeta Ferreira Gullar: a vida não basta. A arte, a literatura, vem atrás da gente cuidando, costurando os rotos que o viver nos deixa dentro. Ali onde a razão não alcança com o olhar, ali a poesia entra a fazer a sua cirurgia. Por vezes será na arte da psicoterapia, mas nem sempre é requerido um técnico. A literatura, e a Arte em geral, consegue abrir as portas da nossa mente emocional, as portas do nosso coração.

E se isso é verdade para a nossa vida cotidiana, o que não será quando nos vemos ameaçados por uma pandemia do tamanho da Covid-19? Quando o nosso reptiliano se superactiva pela percepção de perigo constante, e a nossa mente emocional se faz gigante ativando todo tipo de alarmes. Neste caso a pessoa integrada, a pessoa com educação emocional, a pessoa que sabe como regular o que sente, fica em ótimas condições para agir. Mas a pessoa que não tem prática em apaciguar-se, sosegar-se, e conduzir-se enquanto o nosso pensante toma decisões, essa pessoa reage, sem control real do que faz. Aí a nossa habitual lagartija se converte em crocodilo a se coaligar com a nossa parte emocional, hiper-reagindo e bloqueando o córtex. Só vemos o que fizemos realmente quando já não tem remédio.

É claro que as catastrofes, as pandémias, passam deixando um rasto enorme de catastrofes internas, durante as quais não apenas deixamos crescer de tudo salvagemente no terreno das emoções, mas alguns plantaram nele eucaliptos, ou ervas ainda mais venenosas. Muitos ficarão lá presos nesses anti-jardins culpando os Billgates, os Chineses, os governos de esquerdas ou de direitas ou as vacinas inexistentes...

A maioria das pessoas saem da pandemia, logo de serem curtidos pelo medo, o estresse, a ansiedade, com a vida um bocado arrasada. Algumas pessoas nunca poderão extirpar completamente a toxicidade, carregando muito sofrimento emocional, muito sofrimento psicológico, que tingirá as salas da vida. Agora estamos na hora curar as feridas e renascermos, e como a Amalia Correia nos avisou, não poderemos nascer sem sentir as próprias dores. É hora de abrir as portas do emocional e deixar-se sentir... Mas as portas podem ficar fechadas. Por vezes essas portas foram trancadas sem consciência do fato, e intencionadamente não conseguimos mais abrir.

Devemos buscar chaves mestras porque sabemos que levamos dentro cousas que queremos tirar para fora, cousas que devemos despedir, e vamos ter que pedir à nossa psicóloga ajuda no fabrico dessa chave à medida para nós. E podemos também tentar com as chaves mágicas da poesia. Pois como bem disse o próprio Freud: “em todo o lugar a que vou, descubro que um poeta esteve lá antes de mim”. Freud usou “poeta” em sentido mais amplo, que incluía também a ficção em prosa.

A literatura tem a capacidade de surfar sobre as ondas da razão sem afundir-se nelas, chegar lá ao meio e meio do mar dos saberes ocultos. Ahá! Aí vemos o que não vemos.

Abrimos janelas e portas a emoções aparentemente insondáveis, submarinos deixados atrás após o final da batalha. Magicamente abrimos: choramos, rimos, soltamos as pedras que tanto nos pesam, o irmão que não pudemos abraçar durante a doença, a avó que não pudemos visitar por tanto tempo, o pai vivendo sozinho, a tia que partiu sem despedida mesmo... e mais além, muito mais além. Vamos necessitar muita poesia, muita música, muita arte que entre em nós e exploda dentro suas artes, ou então que nasça dentro e saia transformando escuras crisálidas em borboletas de brilhantes cores a avivar as nossas vidas de novo.